

# AMOR E DIABO

RUBEM BRAGA

**E**SSA fita francesa que o Círculo de Estudos Cinematográficos fez passar no Ministério da Educação, "Os visitantes da noite", levanta o velho problema das relações entre o Amor e o Diabo.

Lídel, no meu tempo de moço, com ambas essas potências; e foi uma lida feroz e triste. Um e outro, Amor e Diabo, fizeram de mim gato e sapato. Ora eu me sentia o Imperador Secreto da Cidade e numa tarde de verão as acácias choveram ouro sobre minha cabeça e as cigarras me saudaram, nas árvores da rua, como um regimento de clarins; e a minha glória era perfeita. Mas de súbito uma tristeza me pegava e eu me sentia miserável, ridículo e só; um vento frio esbofeteava na esquina o pobre moço de sapato furado e coração em pandarecos. Fui covarde e cruel, fui fraco e vil; e fui também o Magnífico.

De tudo sobrou um pouco de remorso e de saudade; mas uma coisa e outra às vészes me parecem absurdas e pueris, pois tudo o que houve é como se não houvesse se passado comigo. O meu eu não era eu; nem meu, como diria o padre Vieira — que, a acreditar no Santo Ofício, também teve lá suas partes com o Demo.

A fita me pareceu menos boa no fim; o senhor Diabo vai ficando monótono e, para falar com franqueza, borocochô. No fim chega a ser insensato, pois

eterniza um momento de meiguice. A maior traça do Diabo não é essa, é promover o tédio depois da aflição, ou durante — o que é horrível.

"Os que amam sem amor não terão o reino dos céus" — avisa-nos o sr. Drumond de Andrade, que é pessoa geralmente bem informada. O mal é vulgar. Aquela bela mulher da fita, que assinou um pacto com o Demônio e inspira terríveis paixões sem amar ninguém é, entretanto, de uma feliz melancolia. O cavalheiro na mesma situação acaba procedendo como um palerma, e se apaixona por uma senhorita que, afinal de contas, não é lá essas coisas. Como soe acontecer aos vaidosos, ele ama pelo fato de ser amado, ou, o que dá no mesmo, se ama.

Mas nessa conversa nós vamos longe, e não chegamos a parte alguma. O fato é que aquele Demônio de 1485 não funciona mais. O Demônio hoje é mais sutil, e faz seu serviço nefando através de mil pequenas circunstâncias e acidentes da vida quotidiana; e seu serviço é corromper o amor e degradá-lo, sujeitando-o a horários, conveniências e convenções que afligem e aborrecem.

No Brasil somos um povo de mal amados, despeitados e ferozes inimigos do amor; há uma neurose coletiva que se descarrega contra a coisa mais simples, eterna e justa do mundo, que é um par de namorados se beijando. Convocam-se homens armados até os dentes para punir essa intolerável afronta, esse crime horroroso que parece ameaçar as instituições.

Temos um sagrado horror à inocência, e fazemos tanto serviço para o Diabo que ele não deve conhecer terra melhor do que esta — onde vive, segundo sempre me pareceu, às gargalhadas.

11. 8. 49

EM